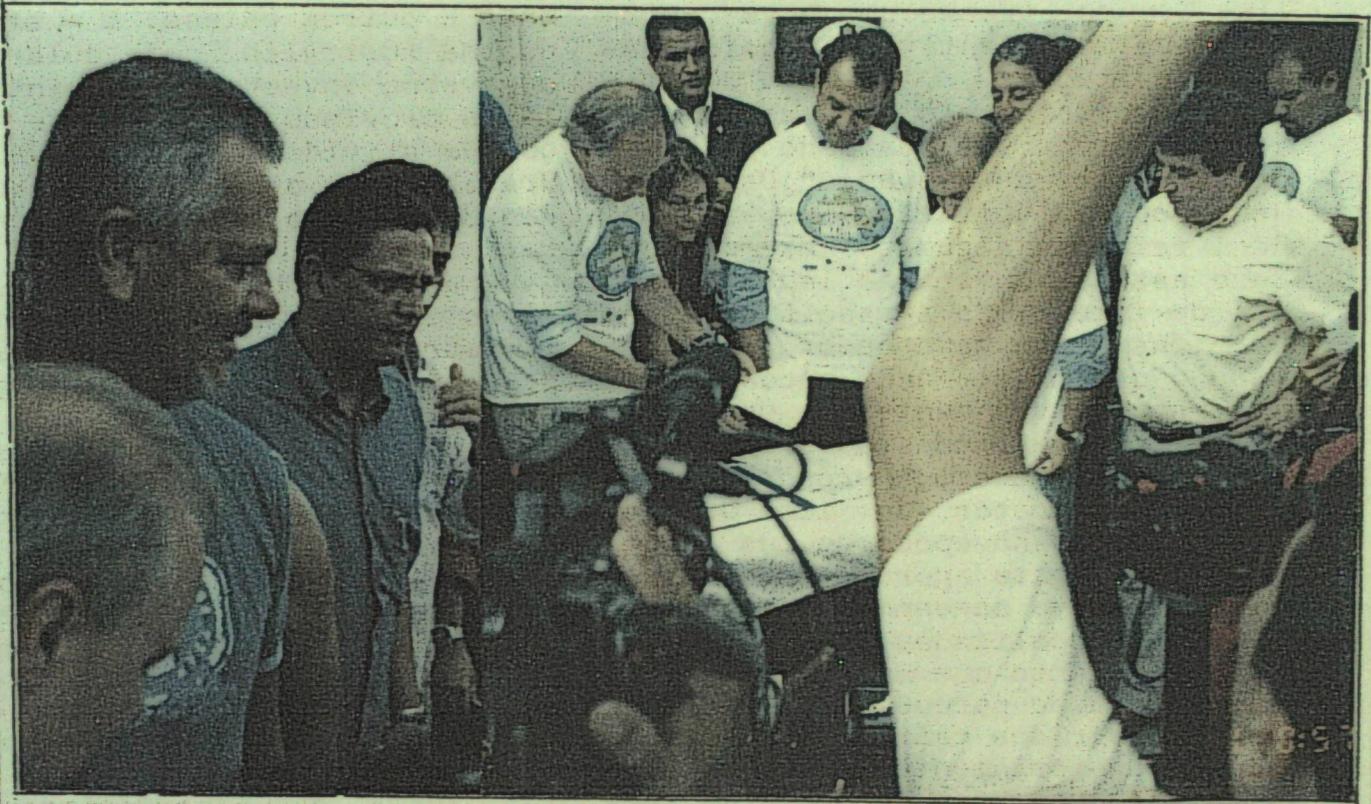


O ENCONTRO DO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA VILA DOIS RIOS COM O GOVERNADOR: - SÉRGIO CABRAL



Numa narrativa intelectual, Ezequiel Ferreira, presidente da Associação de Moradores da Vila Dois Rios, na Ilha Grande, esteve ontem 02/02/07, digo nesta data, com o governador Sérgio Cabral e entregou-lhe um envelope contendo um pedido simples, mas se atendido representará muito para os moradores. O governador no ato da entrega do documento esclareceu a Ezequiel, que estava sabendo de sua ida ao Rio de Janeiro, falar com o deputado Noel de Carvalho e afirmou ler o documento que estava sendo-lhe entregue naquele momento e fez recolher o conteúdo ao Malote da Comitiva.

Este encontro aconteceu numa rara oportunidade: Como a daquele dia para a assinatura do decreto de duplicação da área do PEIG (Parque Estadual da Ilha Grande), concentrando dentro da área, talvez o maior e mais rentável parque público florestal do mundo, com algumas inovações muito importante para o município de Angra dos Reis: - como a desconcentração de renda e o

ICMS-Verde, que ocorrerá a partir do momento que entrar plenamente a operação de sua atividade, para o qual está sendo estruturado. Transformando a nova unidade de conservação flotestal, que até então é apática, em um modelo de desenvolvimento sustentável e rendoso. Sem esquecer o governador, ainda, em seu discurso sintetizou: "Quero que a Ilha Grande tenha para nós um parque de referência em termos de preservação combinada com atividade econômica em benefício da população que nele vivi e trabalha. A Ilha Grande é o nosso grande patrimônio florestal com característica que nenhum outro parque possui".

A cerimônia teve início por volta das 11h, presente ao prefeito Fernando Jordão, Carlos Pinheiro, Elias José Rabha, Bento Pouça, Stella Salomão e outras autoridades de áreas envolvidas com o movimento turístico do Estado, como o prefeito de Paratí e o da Região dos Lagos, contando também com a presença do reitor da UERJ, Nival Nunes de Almeida e o presidente da mineradora

Vale do Rio-Doce, juntos, com o secretário de Estado do Meio Ambiente, Carlos Minc, colocaram apto os termos que oficializaram, por iniciativa de Carlos Minc, que além de ampliar o Parque Estadual da Ilha Grande, trouxe uma nova perspectiva de incentivos fiscais para a região.

O reflorestamento das áreas degradadas vão ser custiado pela empresa "Vale do Rio-Doce". Das mudas que vão ser utilizadas no parque, foi retirada algumas - exemplares, que estão à mostra ao lado do campo de futebol do Abraão. E para inspecioná-las o governador atravessou o campo, até onde encontra-se, os respectivos canteiros das mudas que foram retiradas do primeiro lote de exemplares, já preparadas.

O Plano Diretor da Ilha Grande, que já está na época de sua reformulação, conta agora, com verbas para um novo saneamento, nas comunidades localizadas dentro do parque, enquanto que as que se encontram fora do parque as verbas devem provir dos cofres da Prefeitura obrigatoriamente, e, já existem dinheiro para demarcação, fica restando, apenas, a definição da capacitação a ser estudado até ao meado do ano pelo grupo de trabalho, que está sendo organizado para entrega de um anteprojeto de lei com propostas técnicas e Zoneamento, Uso e Ocupação dos Solos e Parcelamento das Etapas de Trabalho, para cada grupo que integra o novo parque da Ilha Grande.

A melhoria do turismo e o máximo de visitantes na ilha ficou salientado nas palavras do secretário Minc: "não será um parque de papel", "como são conhecidos, estes tipos de parque que nada acontece". A Ilha Grande terá investimento concretos, que já estão firmados com alguns investidores "KFW", um banco do Canadá e outro da Alemanha, e empresas nacionais, venha-se o primeiro parque a ter administração diferenciada no Brasil:

- Este será um Parque Modelo, com a participação de empresas. Ocupando mais de 60%, área da Ilha Grande, o que corresponde a 12 mil hectares protegidos da especulação imobiliária, compreendendo a Praia

de Lopes Mendes, somando-se a Praia do Sul e Aventureiro, ampliando assim a área que ocupa o Parque Estadual:

- Este modelo de parque é um exemplo do que acontece lá fora, no Canadá e outros países. E - afiançou que na Austrália, cada dólar que o governo investe gera trinta dólares provindo do turismo e serviços de atividades de lazer. Aqui no Brasil, isso ainda não acontece. O Rio de Janeiro pode ser o primeiro.

- A ajuda de bancos e empresas em investimento participativo na administração e em outras ações de preservação, isso faz uma gestão diferente.

Assinaturas, além do decreto de ampliação do parque, foram firmadas outras parcerias, como um protocolo de intenções entre a Prefeitura e o Governo do Estado para elaboração, até junho, de revisão do Plano Diretor da Ilha Grande, disciplinando seu crescimento.

E foi criado também um grupo de trabalho para a elaboração, em 6 meses, de um Plano Sustentável da Ilha Grande, com a participação da Prefeitura, entidades ambientalistas, IEF, UERJ e do Conselho para o Desenvolvimento Sustentável da Baía da Ilha Grande, formado por grandes empresas, entre outros parceiros.

Número de Visitantes - o estudo que se pretende fazer definirá, por exemplo, medidas necessárias de saneamento e de contenção do número de visitantes da ilha, principalmente em grandes feriados.

Capacidade, a ilha tem atualmente 7.200 moradores, e chega a receber 25 mil visitantes em datas como o Carnaval, um número quase 4 vezes maior, o que provoca um desequilíbrio e causa daí a degradação da região.

Os Recursos Naturais vão ser levantados pela Uerj e IEF, conforme foi anunciado o acordo de cooperação técnica à Secretaria de Meio Ambiente. Para assinar este Acordo estava presente o reitor Nival Nunes de Almeida e a presidente do IEF que havia acabado de tomar posse do cargo, Yara Valverde, visando um estudo científico. 02/02/2007.

VIAGEM COM FANTASIAS

Um dia desses fui viajando na pura fantasia da minha vida de Vila Dois Rios e, aí surgiu as outras fantasias vendo a destruição que a natureza provoca durante algumas horas de chuva e vento. Estavam as marcas na beira da estrada, ocorridas na noite anterior. Na verdade fui viajando e matutando a Vila Dois Rios - que loucura na Escuridão de uma Noite de Chuva? Estava eu pensando assim: no Vento, na Chuva, nas Noite-Escuras da Vila Dois Rios e nos Astros que riscam o Céu e que provocam na gente o medo quando é criança e até mesmo nos errinhos de criança e a gente é reprimido daquele medo bobo.

Pois bem, fui viajando pela estrada e depois pelo mar da Ilha. A barca ia me levando pra Angra dos Reis. E ali dentro da barca a coisa era danada pra provocar ainda mais a fantasia e criar imaginação em mim por dentro. Olhei para o lado de cá e depois para o lado de lá. Neste momento a rua do cais do porto me pareceu comprida na frente da barca, a cidade se aproximando. Do meu lugar olho, novamente, p'ra e p'ra, e desconfiei que ela terminava por ali onde nunca teve rua, justamente, o lado que tem no final do cais um trecho mal cuidado, mas meramente se via, pois a neblina estava baixa, o tempo meio escuro e as lâmpadas mercúrio, acesas distinguia-se a orla do porto das outras partes da cidade, pálidamente clareada, por minúsculas lâmpadas que se acendem nos dias de nuvens baixas, chuva fina cobrindo os montes e o mar rebelde.

O asfalto pareceu-me que que havia sido feito naqueles dias sobre o calçamento de pedras rústicas que existia antigamente, pouco comum na região.

Uma fileira de postes visto de longe precariamente ordenados, seguravam morroacima pequenas lâmpadas. E davam a impressão de que eram vagalumes parados no ar sobre bosques, disciplinados, rigorosamente perfilados sem o seu piscar-pisca.

Aquilo era uma danação, que mesmo durante o dia, estando na cidade bem longe, me levava e me fazia voltar à noite anterior de sofrimento. Sem luz, nas aguadas, da terrível Vila Dois Rios na Ilha Grande, olhando no escuro os pirilampos, zonzos com o vento, caindo nos pátios abandonados e nas beiras, das ruas arruinadas. Os bichinhos iam saindo, ora, pelas palmeiras, ora pelo estábulo, expressando forma de iluminação naquela escuridão:

Aquele mundo de fantasia e realidade estava acontecendo. Era um mundo de menino ilheu. Com certeza era criança inexistente, na criança sacrificando os bichinhos, retirando-lhes a membrana inferior que faz com que, eles permaneçam acesos por muito mais tempo servindo de luminárias.

A hora é de fantasias, em que si vê os arredores da Vila Dois Rios, com perfeição representada nestes postes desalinados e mal iluminados, formando meu imaginário, que traz noites sem luz de lugar atrasado. Onde sofremos com o mal tempo, que nos oferece, somente: a Noite, o Vento, a Chuva e os Astros.

Estes quatro elementos, juntos, de-vez-enquanto inventa de arrebentar, com a gente, nas aguadas em que vivo:

- O Vento, por exemplo, é o mais velhaco, costuma deixar a gente no escuro por um e até dois dias. Além de ser tudo aquilo que dizem a respeito dele como mal feitor. Bem feito! É o que posso desejar-lhe, - e limpar a cara com ele. Mas eu sei que, é capaz dele zombar de mim e dizer: - Quem mandou você morar no meio do meu caminho. E sair quebrando tudo!

Dele:

- Circulam os maiores rumores de culpa:

- Culpa de que (ele) - nos obriga usar lanternas, lampiões, velas e outras coisas, a mais, para nos alumiar, naquelas noites sem luz e, até archote para assombrar: - A Noite e a Chuva.

- A Chuva não digo nada, mas os dois, juntos, pintam e bordam com a Vila Dois Rios, sabendo que a Uerj não está nem aí, derrubam tudo: primeiro derrubam a luz e a respectiva rede elétrica com as árvores em cima e daí vem: - a comunicação que também vai para o ralo.

- As pobres das árvores, coitadas delas! Também são derrubadas pelo velhaco do Vento, de belas pernas ao ar livre a vista de todo mundo. Pernas que antes traziam-as debaixo dos vestidos de folha.

- A gente podia olhar e ver as nuinhas, bem lavadas.

- As pessoas na Vila Dois Rios, nestas noites, se ajuntam no lugar do costume, a contar pilhérias de evidente mau gosto.

- No, entanto, por incrível que pareça, a Noite gosta de suspirar fundo ao ver o vento passar e as árvores dos bosques, - rebolam-se, sobre as pernas, contentes a sua

passagem, - umas desavergonhadas que refestelam todas para o lado do Vento.

Na Vila Dois Rios, o Vento se manifesta de várias maneiras e o povo muito bobo, inventa vários nomes:

- Dizem "Sudoeste", quando ale vem de Angra dos Reis.

- Quando vem de Mangaratiba: - dizem "Vento Norte".

- Se vem do Mar-aberto: - dizem "Sul".

- E assim vam inventando nomes; como inventaram também:

O Vento de Lestada. Um simples terral, que não faz mal a ninguém, mas costumava, antigamente quando as moças usavam saia, dar uma resposta de-vez-enquanto metendo-se por debaixo, suspendendo-lhes as roupas com malévola intenção exibicionista. - Truque que provocava a caçoada predileta a respeito de vento: "Machão!" Abusado. - Repetiam o predicado.

SONETO

Visita à Necrópole da Vila Dois Rios

O manto das almas
De gente, que ali
Foram enterradas;
Voam por aqui.

Foram presos e moradores
Do cárcere da Ilha Grande;
Antigos servidores,
Almas que me prende.

Trago agora a dor:
Ao cemitério do povoado.
Manto que ficou.

O preso e o lavrador
Fizeram, a história do passado
Da terra, que arrimou.

02/11/2005

- Expediente

ÍNDICE	PÁGINA
ENCONTRO COM O GOVERNADOR	1 e 2
VIAGEM COM FANTASIA	3 e 4

Os TEXTOS e ILUSTRAÇÕES - são da inteira responsabilidade de Hota-ir, Rua Paraná nº09.Vila Dois Rios - Ilha Grande RJ.

Editorial:

HISTÓRIA DA CADEIA

Continuação da 17ª Edição, pág.06: Objetivos; um porta-voz chamado Paulo Cesar Chaves o "PC", compunha o "Grupo dos 30", era rapaz de físico franzino, de uma mente espetacular, com incrível inclinação a comunicação, habilidoso burocrata, redador do Grupo dos 30, dominante da massa carcerária, por ser ele um ex-estudante de jornalismo, foi amplamente aproveitado nos trabalhos, que vinha o grupo fazendo ocultamente, principalmente os trabalhos de redação de cartas que, mais tarde foram enviadas pelos integrantes da facção dos 30 do CRI, e veio mais tarde serem identificados como "falange vermelha"; muito

antes da denominação "Comando Vermelho"; como passou ser conhecido, mais tarde, o Grupo dos 30; havia entre o grupo outros integrantes e que eram os internos das diversas tarefas como: - Comunicação técnica capaz até mesmo de montar rádio comunicação ou uma estação transmissora de código, para se comunicar com o mundo livre de lugares alto nos morros de onde eram oriundos; havia também os internos encarregados do lazer, que era uma outra forma de interação onde quer ou não todos os integrantes se encontravam, considerando que os integrantes do grupo nem sempre moravam na mesma galeria, logo havia necessidade de promover motivos para assim aproveitar o momento para se aproximar, entre os encarregados do lazer da massa carcerária, (havia os "técnicos"), em fim havia entre o Grupo Forte, que não eram mais do que trinta inicialmente, gente para todos os tipos de ação; se fosse necessário entre eles um atendimento de emergência, ali tinha um elemento capaz de conhecimento na área de saúde para salvar ou matar. Entre o Grupo havia um interno para cada uma das diversas situações, (cada um com a sua função inerente as ações do Grupo Dominante): Ali dentro do Grupo um elemento era o redator, outro era da função intelectual, um outro elemento era o orador, alguns eram os técnicos em manutenção elétrica de aparelhos e de rede de iluminação, modificavam a contento o ambiente, havia também os quase nutricionistas, um quase assistente médico-odontológico, havia o assistente religioso, jurídico, social, professores das diversas disciplinas se estendendo até ao bilinguismo e com isso se fosse necessário dobrar uma paródia para convencer uma autoridade a ceder-lhes um ou outro privilégio, ali havia um indivíduo para tal função e uma das principais táticas era a insistência obstinada. Havia ali um "Testa de Ferro" e um financiador. Se fosse necessário apertar, o testa-de-ferr, estava ali para estopim. O financiador foi um elemento que chegou mais tarde e complementou o grupo naquilo que faltava. Um elemento com muito di-

nheiro. Rogério Lemgruber o famoso Bagulhão e José Carlos dos Reis Ensina ao lado de Willian da Silva, somava-se a tanto outros.

E assim a "Falange Vermelha" foi nascendo dentro do cárcere da Ilha Grande, nos anos setenta, e impondo o seu domínio de poder, querendo se tornar um poder paralelo, independentemente da Instituição, e chegou a um ponto da Instituição depender e favorecer o Grupo. Isto por que a Instituição para não se ver pressionado a cumprir com esta ou aquela outra obrigação que o Estado as vezes não lhe dava condições cedia a a favores desse Grupo. Passando então ter o Grupo o apoio da própria Instituição, que permitiu criar bem antes o seu próprio inimigo e pior do que isso, dentro de casa o ("CRI"). Integrado nesta ocasião de nada mais do que 30 internos, só com uma distinção escudada; ou melhor os seus objetivos eram os que ninguém sabia, por que ninguém podia adivinhar que eles (o Grupo de alguns internos) em seus objetivos; o maior de todos era: - Fugir ao regime ao qual estava a massa carcerária imposta pela Instituição. A autoridade acreditava que o CRI era necessário para propiciar a recreação; mas, não era desta forma que ele estava sendo usado pelos integrantes dos quadros dirigentes do Cri dos anos setenta e oitenta.

O "CRI" (Clube Recreativo dos Internos), possuía uma certa organização que dava a entender que a prática fosse unicamente, realmente, esportiva. Era formado pelo presidente, vice-presidente e toda a sua diretoria pelos próprios internos nunca diferente dos grandes líderes. Por toda a parte era a diretoria do Cri chamada para resolver pendências - os "Líderes" - como eram chamados os 30. Era o próprio grupo da facção denominada "Falange Vermelha" ao qual a massa carcerária ficava submissa, sob o pretexto de atendimento certo (físicamente e financeiramente): Para isso o Grupo Dominante impunha as suas ordens aos demais internos: - nenhum outro interno podia atrever-se aproximar da autoridade central do estabelecimento prisional, se não através do presidente do

CRI ou a sua ordem com a sua diretoria, que o acompanhava em tudo, em todos os espaços do estabelecimento, onde quer que ele estivesse e os assuntos só eram tratados em grupo, nunca individualmente. E assim o grupo foi aumentando em torno de um grupo de líderes. Até que toda a massa carcerária estava unida num só bloco, preparada para sublevar por qualquer motivo de insatisfação do CRI, como exemplo citar restringir visita, indeferir documento de pedidos de regalias e similar, quando estas procedia do diretor da unidade ou de qualquer, de seus funcionários de direção. E os internos que não aderisse aquele grupo de mafiosos, seria considerado inimigo, os chamados "Alemão", julgados e condenados pelo "Grupo dos 30", conforme o crime: a sentença a pena era de morte, e, assim muitos internos foram executados a sangue-frio, na madorna da manhã ao abrir dos cadeados das celas para o café matinal, visto que às 06 horas todas as celas do convívio eram abertas, ficando na contina, isto para esclarecer melhor significa que permanecia trancado o portão da grade divisória de cada galeria, que eram seis em cada prédio, prédio central e prédio anexo, e em cada prédio havia uma subdivisão chamada "Castigo" esta nunca seria aberta conforme as outras celas, elas eram mantidas severamente trancadas e o interno lá dentro confinado sem participar da vida comum na prisão, até que o dito castigo acabasse, conforme fora imposto pelo regulamento "RPERJ". A vítima era surpreendida pelos assassinos e dilacerada, quase que sempre com 40, 50 ou mais vezes a modo de mostrar para a massa o fim que levava um alemão. Quando a vítima era julgada pelo grupo e condenada ao afastamento, o condenado era avisado por um pota-voz, após o aviso, imediatamente, aquele recorria ao pedido de seguro-de-vida e a partir deste momento ficava se esquivando ao longe dos demais. Este tipo de pedido, normalmente era feito ao funcionário que estivesse mais próximo ou mais ao alcance do indivíduo. E o interno nestas condições era conduzido ao Inspe-

tor-de-dia, para que se fossem tomadas as providências cabíveis, junto ao Serviço de Segurança. A partir deste momento, nenhum outro interno se comunicava com ele, a não ser para humilhação ou executá-lo. Todos se tornavam suspeitos de ser o encarregado da tarefa delegada pelo grupo opressor. E como estas tarefas era dada a um daqueles internos ditos "robô" ou também, qualquer um interno poderia ser obrigado cumprir as ordens, com pena de perder a confiança do grupo e colocar a vida em risco. O interno que pedia seguro-de-vida era dentro de 24 horas ouvido pelo Serviço de Segurança. O depoimento era encaminhado juntamente com o tópico extraído do Livro brochado de registros das ocorrências do Estabelecimento Penal, que ficava na Inspeção de Guardas para o Inspetor-de-dia fazer o registro de todas as ocorrências. De posse desta documentação o interno era conduzido ao Serviço de Classificação a Comissão Técnica de Classificação e Tratamento para examinar as condições de risco em que se encontrava a vida do interno dentro do Estabelecimento Penal da Ilha Grande e encaminhar ao diretor as medidas de seguro que deveriam serem tomadas para resguardar a integridade física do interno dentro deste ou se era necessário transferi-lo para outro estabelecimento do Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro. E desta forma a Guarnição interna do Estabelecimento, sob o comando do Inspetor-de-dia, a Administração e o Serviço de Segurança passava a contar com trabalho redobrado, acúmulo de atribuição e falta de espaço adequado ao número crescente de preso no seguro-de-vida, levando muitas das vezes a soluções inadequadas, como colocar o determinados elementos do lado de fora do estabelecimento, trazendo, o interno para a parte externa sem que o elemento pudesse um dia voltar a viver livremente no interior do Estabelecimento entre os outros internos, somente se houvesse uma contra-ordem do grupo opressor poderia voltar a viver em paz. Isto, aconteceu com vários internos ...
Continua na próxima edição.